



RESENHA

MÜLLER, Friedrich Max. *Introdução à Ciência da Religião*. Tradução de Brasil Fernandes de Barros; editoração e comentários críticos de Fabiano Victor Campos. Belo Horizonte: Senso, 2020, 444 p. (Clássicos em Ciência da Religião). ISBN: 978-65-88053-07-7.

*Nestor Figueiredo**

Chega ao mercado editorial brasileiro a edição bilíngue das preleções que Friedrich Max Müller ministrou em 1870 no Real Instituto, em Londres. Originalmente publicadas como *Lectures on the Science of Religion* pelo periódico *Fraser's Magazine* naquele mesmo ano, são consideradas por alguns autores como o documento de fundação da disciplina ciência da religião, na Europa (p. ex., Sharpe, 1986, p. 35). A tradução resulta do esforço de uma equipe de estudiosos envolvidos nesse importante trabalho para a nossa área, com lançamento oficial ocorrido num dos poucos eventos institucionais de grande porte dedicados aos 150 anos da disciplina no Brasil, realizado em 2020, marco este estampado em sua bela capa de tom marrom avermelhado. Surgida logo após uma tradução parcial dessas preleções feita pelo cientista da religião Pedro Rodrigues Camelo (UERJ), a edição bilíngue torna-se a primeira tradução completa em livro, inaugurando a bem-vinda coleção *Clássicos em Ciência da Religião*, numa parceria entre a PUC-Minas e a Editora Senso.

A tradução é baseada na última versão conhecida dessa obra em inglês, publicada em 1899 (*Introduction to the Science of Religion*), um ano antes da morte do autor, em 1900. Espantosos 150 anos separam a primeira edição da obra e essa tradução. Contudo, para sermos justos, a comparação deve ser feita em relação à tradução para a língua espanhola, feita em 1945 na Argentina. A agora *Introdução à Ciência da Religião* de Max Müller, enfim, recebe a necessária atenção vinda em boa hora, na medida em que observamos uma descoberta dos clássicos no Brasil, com textos fundamentais para a permanente discussão acerca de questões metateóricas de nossa disciplina. Temos visto aqui e ali, de forma ainda não articulada, trabalhos que operam nessa direção e que certamente trarão um novo olhar para a ideia de uma ciência da religião no período formativo da disciplina (Tiele, 2018; Wach, 2018, Müller, 2020). No entanto, o atraso do trabalho tradutório é sintomático em relação à ausência de diálogo com obras clássicas da área, em grande parte pela falta de versões como essa, dificultando o uso desses textos nos

* Doutorando em Ciências das Religiões (UEPB, João Pessoa-PB). ORCID: 0000-0001-7180-299X – contato: mgs3000@hotmail.com

diversos programas de graduação e pós-graduação. Por isso mesmo, o anúncio de uma coleção que pretende caminhar nessa linha é uma excelente notícia.

A edição bilíngue contém uma apresentação feita pelo diretor da referida coleção, Flávio Senra, uma nota do tradutor Brasil Fernandes de Barros, seguida de um prefácio à versão brasileira do editor Fabiano Victor Campos, todos integrantes do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Após esse paratexto editorial, que no sumário é integrado graficamente à obra de Max Müller, temos a reprodução em paralelo da versão em inglês e da tradução em português, com o prefácio do autor alemão seguido das quatro preleções, nas quais ele apresenta seus arrazoados sobre a ideia de uma disciplina fora das fronteiras confessionais, na segunda metade do século XIX. Na abertura, Max Müller trata do objetivo e utilidade da então nova ciência, com vários aportes metateóricos; na segunda preleção, discute questões relativas às dificuldades e importância para uma classificação das religiões; na terceira, registra sua proposta de classificação e a necessidade de superação dos problemas apontados, encerrando com uma análise das religiões antigas, na quarta e última preleção.

A versão inglesa de base, diferentemente de outras, contém ainda algumas notas de fim e suplementos acrescentados por Max Müller ao longo dos anos, inexistentes nas primeiras edições de 1870, sobre o imperador Akbar, as línguas da África, a literatura védica (ilustração), a mitologia polinésia, o nome chinês para Deus, a mitologia entre os hotentotes e a coleção dos livros sagrados do Oriente. A tradução registra também impressionantes 353 notas de rodapé, divididas entre aquelas fornecidas pelo autor, tradutor e editor, cujo maior volume é destinado a comentários críticos e indicações bibliográficas. Algumas notas de tradução trazem ainda o endereço eletrônico de obras referidas por Max Müller. Na maioria dos casos são relevantes para o entendimento do texto, além de muito enriquecedoras, refletindo sobretudo o zelo e a preocupação desses pesquisadores em suprir o leitor com informações que julgam necessárias.

Contudo, alguns desafios são enfrentados por essa tradução. Primeiramente, chamamos a atenção certos problemas ortográficos, com erros evidentes de digitação e grafias inadequadas, em grande parte pela falta de uma revisão mais cuidadosa, sobretudo nos suplementos. Vejamos alguns: na nota 13 (p. 27): “Uniiversidade”; nota 15 (p. 29): “commpreendido”; nota 16 (p. 29): “ambiiente”; nota 24 (p. 37): “cixentificidade”; no texto (p. 93): “estudioasos”; no texto (p. 107): “famíblia”. Esse tipo de ocorrência é relativamente abundante, sugerindo talvez problemas no uso de software na composição final, especialmente porque não ocorrem na versão eletrônica da obra (e-book). No mais esdrúxulo problema de revisão encontrado, a edição deixou passar uma sugestão de mudança de texto e pontuação numa nota do tradutor, ao comentar a referência feita por Max Müller a um determinado livro. Esta peculiaridade acontece tanto na versão impressa quanto na eletrônica:

sobre esse livro é discutida no livro “La verité sur le Livre des savages” que pode ser encontrado em: *[sugiro: A controversia sobre esse livro é discutida na obra (sugiro a troca do termo livro, já usado anteriormente) “La verité sur le Livre des savages”, (inserir vírgula, pois me parece tratar de um aposto) que pode ser encontrada em:]* (p. 125, nota 114, destaque nosso).

Do ponto de vista da diagramação, há certo desconforto visual em função do tamanho da mancha (parte impressa) comprimir demais suas margens, num padrão pouco usual. Problema semelhante é encontrado nas notas de rodapé, que, por ser enormes, congestionam o processo de leitura. Algumas páginas possuem umas poucas linhas de texto principal, logo seguidas de extenso suplemento. Aliás, o leitor precisa dividir a atenção entre três versões de notas, que aparecem no mesmo plano gráfico de algumas páginas, com estilos de escrita diversos (autor, tradutor e editor-comentador). Com isso, cria-se condições propícias para uma leitura cheia de interrupções. No conjunto, essas escolhas conferem à estética da edição uma aparência pouco agradável, bastando dizer que a tradução propriamente dita inicia com um título seguido imediatamente de uma imensa nota de rodapé, ocupando toda a página sem texto principal intercalado (p. 17).

Quanto à tradução de alguns termos, encontramos outros indícios. Há uma ocorrência que pode sugerir falta de padronização¹. Ilustrativamente, registramos o seguinte caso: na página 18, em inglês, Max Müller usa “comparative study” e na página 20, usa “Comparative Theology” (ambas as expressões no prefácio), cujo termo “comparative” é traduzido primeiramente como “comparativo” e depois como “comparada”. Mesmo caso de “Comparative Philology” e “Comparative Grammar” (p. 26), traduzidas como “comparada” e “comparativa”, respectivamente (p. 27). Trata-se de uma mesma ocorrência linguístico-contextual, porém traduzida de forma diferente. Outro ponto destacável é a opção pelo termo “conferências” para “lectures”, numa solução intermediária, certamente melhor do que o uso popular do termo “palestra”. Contudo, deve ser lembrado a existência da palavra “preleções” em nosso idioma, mais adequada para o caso, seja do ponto de vista lexical (ambos de origem latina), seja do ponto de vista semântico, isto é, lições/leituras ante uma audiência; exatamente o contexto que se observa no local de sua realização².

No que diz respeito ao estilo, um caso recorrente pode ser paradigmático. Se, por um lado, Max Müller apresentava uma pronúncia estrangeira marcante em língua inglesa, por outro, era reconhecido como escritor competente, bastando observar a grande maioria de suas publicações nesta língua, além de traduzir Kant para o inglês. Detentor de um estilo próprio, apresenta nesta obra, por exemplo, o uso frequente do advérbio inglês “*nay*” (hoje em desuso), significando o mesmo que o nosso “ou melhor/ melhor dizendo/ digo”, que dá ao texto tanto aquele sabor da língua falada, característica das preleções, como um aspecto sintático-semântico relevante, ambos os quais mantidos em inglês por decisão do autor desde a primeira até a última edição conhecida. Contudo, na maioria dos casos, a tradução suprime ou modifica o uso desse termo no sentido de autocorreção do discurso, privando-nos do contato com uma marca peculiar do autor nessa obra e da objetivada função gramatical.

1 Um exemplo nesse sentido, embora no paratexto da edição bilíngue, é o próprio nome atribuído à coleção, que aparece em alguns casos como “Clássicos *em* Ciência da Religião” (capa, ficha catalográfica), e em outros como “Clássicos *da* Ciência da Religião” (orelha, folha de rosto, apresentação).

2 Menos problemática é a opção por não traduzir o nome do local onde ocorreram as preleções, “Royal Institution”, embora na língua de chegada (língua-alvo) exista, por exemplo, o “Real Gabinete Português de Leitura”.

Do ponto de vista da tradução propriamente dita e considerando a ocorrência apenas nesse nível, a obra parece cumprir o seu papel ao apresentar em nosso idioma a estrutura mais ampla do pensamento de Max Müller presente no texto de partida. Contudo, será preciso observar em que medida a possível recorrência de tais casos não levaria esse trabalho a cair dentro das observações do tradutor Gherardo Nerucci, quando, no prefácio à tradução italiana da obra, endereça uma crítica à qualidade da tradução francesa de 1873 (*La Science de la Religion*), que, para ele, “nem sempre parece expressar exatamente as ideias do autor” (Nerucci, 1874, p. vi). Nesse sentido, será preciso analisar casos correlatos que possam, de fato, comprometer em maior medida a precisão desse trabalho. Fica claro também que boa parte de nossa crítica está relacionada a decisões editoriais e informações paratextuais utilizadas nessa tradução, não estando em causa a reconhecida capacidade dos pesquisadores envolvidos nessa tarefa, embora, deva-se lembrar, cada um em sua respectiva área de atuação e especialidade.

Assim, por exemplo, a opção de apresentar os comentários críticos do editor misturados com as demais notas é uma solução que não funciona como deveria. Trata-se de um bloco paratextual da tradução que apresenta ótima contextualização dos temas e termos presentes nas preleções, interpretando assuntos centrais que Max Müller aborda, além de ajudar o leitor em muitos sentidos. Um tal conjunto especializado de dados mereceria aparecer num rico e necessário estudo introdutório, preparando o leitor menos familiarizado com as ideias de Max Müller, a exemplo de suas noções sobre métodos e teorias, além da tese de que religião seria a “percepção do Infinito”, conceito que ele começa a trabalhar de maneira menos incipiente nessa obra, retomando em *Origin and growth of religion* (1878), até uma versão mais elaborada em *Natural religion* (1889). Da forma como nos chega, boa parte da potência crítica engajada na discussão metateórica é diluída em imensas e cansativas notas de rodapé, que misturam análise de conteúdo com itinerário biobibliográfico do autor alemão.

Saindo do terreno mais técnico, encontramos outro tipo de desafio³. A edição, por exemplo, não previne o leitor de forma suficientemente adequada em relação a certas características paratextuais, como o fato de que o trabalho é a tradução de apenas uma das sete edições conhecidas em inglês até 1900. Muita coisa na edição de 1899, reproduzida na tradução de 2020, simplesmente não existia quando Max Müller proferiu e publicou essas preleções no distante 1870, seja do ponto de vista de sua paratextualidade, seja do ponto de vista do texto em si, que sofreu mudanças durante longo período. Ilustra esse caso a diferença no número de notas das preleções, oferecidas por Max Müller na primeira edição (88), que é menos da metade do número que ele apresenta em 1899 (192). Além disso, em que medida a tradução alemã de 1874, que em grande parte é obra do próprio Max Müller, não teria alterado texto e paratexto, podendo também divergir dessa versão traduzida? Não sabemos.

Como não está claro que estamos diante de uma edição cujo texto de partida para a tradução é o ponto de chegada das modificações de Max Müller no espaço de quase trinta anos, o leitor pode ser induzido a pensar que tem em mãos as preleções ministradas

3 A partir deste ponto, nossa crítica está fundamentada no artigo “O percurso editorial das ‘Preleções introdutórias à Ciência da Religião’ (1870-1899), do professor F. Max Müller” (Figueiredo, 2020).

em 1870, embora este não seja o caso de modo algum. Para alguém interessado em abordar criticamente a ideia de ciência da religião no período formativo, essa tradução pode significar um sério problema, levando o estudioso a afirmações que não poderá sustentar nessa base. O que Max Müller afirma nessa tradução não é exatamente aquilo que ele afirmou em outras edições. Questões como essas poderiam ser respondidas por meio de um trabalho em perspectiva histórico-comparativa, ao considerar em sua análise o conjunto dessas edições. Algo que, obviamente, está além do alcance dessa tradução ou de qualquer outra de mesmo formato.

Nesse sentido, precisamos ter sempre em mente que o texto-fonte para essa tradução reflete apenas uma parte da rota editorial mais ampla desta fundamental obra do período formativo da disciplina ciência da religião, ficando aquém de toda a “história” que envolve essas preleções. Ao lidar com essa questão, mesmo superficialmente, o paratexto da edição apresenta dados conflitantes e equivocados, por exemplo, sobre a data da primeira publicação das preleções, algo comum em muitos autores que abordam este aspecto. Não devemos, contudo, imputar totalmente ao tradutor e editor esse desencontro de informações. Parte do passivo também se deve à ausência de estudos que analisem obras paradigmáticas, considerando o conjunto paratextual de suas edições.

A tradução de que agora dispomos, tecnicamente, oscila entre acertos e deslizes, conferindo um resultado final ambivalente em relação ao que foi verificado, devendo ser bem-vinda para o leitor acadêmico ainda não especializado, para quem significa uma ferramenta útil (ressalvando os problemas indicados), posto que dá a este leitor acesso ao texto em ambas as línguas. Contudo, para o já especialista em ciência da religião, a tradução representa alguns desafios não considerados na edição bilíngue, obrigando o estudioso a tomar precauções. Ainda assim, o trabalho consegue entregar um conjunto de suplementos de ótima qualidade, que contextualiza e interpreta tópicos desenvolvidos por Max Müller, embora o faça a partir de uma economia textual que desperdiça exatamente uma parcela deste valioso recurso.

Portanto, devemos considerar seriamente a necessidade de uma edição do conjunto dessas versões, utilizando métodos capazes de nos fornecer um contexto muito mais amplo, no qual a própria ideia de ciência da religião ganha forma entre os anos 1870 e 1899. Trata-se de um trabalho bastante árduo mesmo para uma equipe interdisciplinar, sobretudo interinstitucional, apoiado em áreas do conhecimento como filologia (crítica textual), ecdótica (edições mais antigas) e estudos de tradução (texto científico). Até lá, devemos reconhecer, essa *Introdução à Ciência da Religião* de Max Müller cumpre o seu papel em sentido amplo, sendo um marco para a disciplina, apesar dos percalços que toda obra pioneira costuma experimentar.

Referências

FIGUEIREDO, N. O percurso editorial das “Preleções introdutórias à Ciência da Religião” (1870-1899), do professor F. Max Müller. *Rever*, v. 20, n. 3, 2020, pp. 269-293.

MÜLLER, Friedrich Max. Primeira palestra. Tradução de Pedro Rodrigues Camelo. *Rever*, v. 20, n. 1, 2020, pp. 305-329.

NERUCCI, Gherardo. Avvertimento. In: MÜLLER, M. Quattro lettere d'introduzione alla Scienza delle Religioni. Tradotte dall' inglese per G. Nerucci. Firenze: G. C. Sansoni, 1874, pp. v-vii.

SHARPE, Eric. J. Comparative Religion: a history. La Salle: Open Court, 1986.

TIELE, Cornelis Petrus. Concepção, objetivo e método da Ciência da Religião. Tradução de Waldney Costa. Rever, v. 18, n. 3, 2018, pp. 217-228.

WACH, Joachim Ernst Adolphe Felix. Os ramos da Ciência da Religião. Tradução de Fábio L. Stern. Rever, v. 18, n. 2, 2018, pp. 233-253.

Recebido em: 12/02/2021

Aprovado em: 01/03/2021

Conflito de interesses: Não declarado pelo autor.

Editor: Eduardo R. Cruz